

Você leu o artigo de opinião abaixo apresentado, e resolveu escrever uma carta para a seção "Leitor", respondendo à pergunta "Bibliotecas: metamorfose ou morte?". Em seu texto, você deverá posicionar-se sobre o assunto, concordando ou discordando dos argumentos apresentados pelo autor.

## Bibliotecas: metamorfose ou morte?

Quando buscávamos um livro, a solução era óbvia: bastava ir à biblioteca. Mas rondam tempestades ameaçando essa respeitável instituição. Em poucos anos, caberão em um *notebook* todos os livros produzidos na história da humanidade (as estimativas flutuam entre 42 milhões e 130 milhões). Um pouco adiante, e enfia-se tudo em um celular.

Para que biblioteca? Periódicos científicos e muitas outras publicações migram para a sua versão digital, o mesmo acontecendo com os jornais. Diante do *www*, é risível o tamanho das bibliotecas em papel. A Wikipédia esmaga a mais ambiciosa enciclopédia tradicional. E para quê bibliotecário se o "Santo Google" acha tudo rapidinho?

Por 10 dólares ou pouco mais, a versão digital de praticamente todos os livros em inglês pode ser comprada na Amazon. Um minuto depois de um só clique, o livro está em nosso poder. É inevitável que o Brasil vá pelo mesmo caminho – apesar do atraso presente. E não há como impedir a digitalização pirata de livros populares.

Diante disso tudo, o que será das bibliotecas? São caras, e seu acervo no Brasil é inferior ao de muitos países. Pior, falta-nos o hábito de frequentá-las. Portanto, se definharem, sua falta não será notada.

As notícias sobre a morte das bibliotecas podem ser exageradas. De fato, seu lugar no futuro pode estar assegurado, desde que elas se transformem. Biblioteca careta e

chata não sobreviverá. Como depósito de livros, está condenada.

É sintomático que algumas bibliotecas americanas tenham levado seus livros para depósitos, pois havia muitos usos mais nobres para o espaço. Eis a pista para a salvação: a biblioteca do futuro será um canivete suíço, fará tudo.

Se bem concebida, ela será um lugar aonde vamos sem pensar muito no que faremos lá. Vamos porque nos atrai, porque é bom estar nela. Para início de conversa, precisa ser supremamente formosa, confortável e atraente. A arquitetura externa tem de dar vontade de entrar. A interna, de ficar.

Seu ambiente será agradável como as Starbucks e os restaurantes chineses do Vale do Silício. Haverá abundância de jornais, revistas e livros de interesse geral. E, cada vez mais, vídeos. Livros desinteressantes, porém, doados por alguma viúva (três quartos dos nossos acervos são dessa origem), não trazem ninguém às bibliotecas.

De depósitos de livros, passam a oferecer quase tudo. Alguns espaços são silenciosos, para ler. Em outros, conversamos ou nos reunimos (com projetor de PowerPoint). Algumas poucas estão voltadas para a pesquisa, uma função essencial e cara. Mas, se a Amazon consegue entregar no dia seguinte os livros comprados, as bibliotecas também poderão. Títulos pouco procurados não precisam de mais de um exemplar, talvez no país inteiro. Basta um sistema para tomar emprestado,

rapidamente, do acervo de outras bibliotecas.

Na nova biblioteca, salas e auditórios promovem conferências, concertos e exposições. Por que não jardins lindos, para os criativos filósofos? Ou espaços para meditar? No fundo, a biblioteca deve tornar-se um lugar de leitura, troca de ideias e interação criativa entre os frequentadores. Enfim, uma usina intelectual, contribuindo para o avanço do país. Naturalmente, quando bate a fome, lá comemos. E, afinal, um lugar onde se leem e se tomam livros emprestados por que não os vende também? Assunto e clientela são os mesmos das livrarias.

A fórmula salvadora já existe e é resumida pela celebrada arquiteta Maya Lin. Para ela, bibliotecas são os templos de hoje, espaços para reflexão, exploração intelectual e discussão de ideias. Mas enganase quem pensa ser revolucionária tal visão. De fato, a primeira grande biblioteca que o mundo conheceu, a de Alexandria, tinha como ponto de partida uma arquitetura memorável, e sua concepção antecipa essa linha. Além dos livros, tinha jardins, exposições de arte, concertos e outras atividades culturais. No dizer de um contemporâneo, "era um lugar para curar a alma".

Ou seja, eis a receita para salvar nossas bibliotecas. Não é preciso inventar nada.